

Edição
5
Outono
2012

De Profundis

20 anos de música, entropia, torpores literários e delírios afins!

Natimorto: Mutarelli e o cinema

Shoegaze

Moonshadow

Anasor ed Searom



Joyce Mansour

theda Bara



Boa parte da história da cena paulistana:



Morpheus - Cid - Luizinho - Tony - Rodrigo Cyber

Editorial:

De Profundis Nº 5 – Ano XIV / Outono de 2012

Produção, direção e montagem: Morpheus Affinito

Apoio – Cid Vale Ferreira (Pós), Luciana Tonoli (Ferro Velho) e Anderson Vital Tavares (Sebo Santa Cecília)

Contato: Morpheus_affinito@hotmail.com

Ao amigo Jorge Vital Zacharias
que misturou-se à música da eternidade

Agradecimentos: Rachel (eternal girlfriend); Rodrigo Beat, Alex Januário, Jean Lima, Inhesta, Marcelo Kapeta (Deepland), Giva, Zauber, Rei Peste, Gago e todo o pessoal do Via Underground, Humberto Luminati, Rodrigo Natch (Pós), Zowie, André Fernandes (Lady Hell), Marcio (Combat Rock), Fernão Castro e família; Helô, Sérgio, Amanda, Dani, Sandra, Ana Cranes, Priscila, Graciela, Wendel, David, Bacana, Bega, Caju, Ferro, Rogério Bogari e todos os outros que através de um bate papo num boteco, em shows ou simplesmente pela presença, mantém a chama viva.

Tive o privilégio de alternar minha vida entre a metrópole de São Paulo e a vida simples nesta cidade tão complexa e tão estranha, minha “Smallville” particular conhecida como Gama. Embrenhei-me nesta aventura de fanzines em 1992, graças ao Fofão, Bôsko, Túlio, Nelson Uruca, Floyd, Cleber, Pomba e tantos outros que ajudaram a tirar cópias, dobrar, enviaram matérias e poesias, emprestaram a máquina de escrever... botaram as engrenagens para funcionar... desde o pontapé inicial com o ridículo “Gnose” (2 números), passando por “Nada”, “Gothic Party (esse durou 5 ou 7 números), “Atmosphere” (11 números) e claro, De Profundis. Como inspiração, obviamente os quadrinhos Marvel (essa é minha religião), pois ainda cedo fazíamos gibis em que trocávamos desenhos e argumentos... os zines punks que conheci através do Fofão, como o “Vermynose Pútrida” (1990), “Endecha Zine” (1991), “Enter the Shadows” (1992), “Invocations” (1998) e o “Sépie Zine” (1998); Se os amigos e colaboradores ao longo dos anos são muitos para citar e cometer o deslize de esquecer alguns, certamente estes são os zines que impulsionaram diretamente o De Profundis, sem esquecermos de uma parte fundamental que nos diferenciou dos demais, as coletâneas com bandas de pós-punk, rock gótico, darkwave e afins que lançamos com a finalidade única de divulgar as bandas brasileiras que recheavam nossas páginas, neste ponto surgiram outros grandes colaboradores como Cid Vale Ferreira, Adriano Pacianotto, Marco Boreli e Luis Calanca e seu selo “Baratos Afins”, eterna parceira de nossos projetos. Houve um hiato entre o número anterior e este, muita coisa aconteceu, mas o importante é que uma vez mais estou aqui, como diria Marcelo Nova, botando pra fuder... afinal, “I did it my way”.

Morpheus Affinito

Madame



Verdade seja dita, o Madame Satã foi um lugar mágico para várias gerações, cada qual defenderá sua época, obviamente, mas o importante é frisar que o Casarão que abrigou este templo do underground durante anos, além de “The The” e “Morcegóvia”, retornou agora reformulado, reestruturado e redivivo em suas dimensões, porém com aqueles detalhes a mais que jamais imaginei alguém teria coragem para investir. Fui um dos que torceu o nariz quando soube que a casa seria reinaugurada, porém estou na fila dos que ficaram estupefatos com as melhorias gritantes... enfim, o lugar não perdeu seu charme de submundo e ainda ganhou uma boa injeção de qualidade. Quase perfeito, pois dentro de nossas limitações, sempre esbarraremos na satisfação plena e jamais alcançada... fora este teor metafísico, não há palavras suficientes para descrever o quanto está melhor, aliás, melhor do que nunca esteve.

Morpheus Affinito

Ao mestre John Buscema 1927 - 2002



Cruzando o cosmos

M. Affinito

Eterna noite de milhões de sóis

Fagulhas que não aquecem

Um coração tão solitário...

Abandonado sob o leito da vastidão;

Quantos sonham

Enquanto tua angústia silencia

No vácuo do espaço sideral?

Theda Bara: A vamp original

Por: Gisa Nephilim



Theodosia Goodman, nascida em 29 de julho de 1885 em Ohio, EUA, obteve extremo sucesso com o pseudônimo de Theda Bara, interpretando papéis de femme fatale ainda na era do cinema mudo. Seu pseudônimo, Theda Bara, era um anagrama para arab death (morte árabe), estratégia infalível da FOX para imortalizá-la no cinema, interpretando papéis onde sempre usufruía de seus atrativos femininos no empenho de seduzir e destruir.

Mencionando um pouco sua origem, Theodosia Goodman era filha de uma próspera fabricante de perucas de descendência alemã e de um imigrante do leste europeu. A sex symbol cresceu numa próspera comunidade judaica no bairro de Avondale (sim, ela era judia). Começou a atuar precocemente, tornando-se membro de um clube dramático do colégio. Passados dois anos em que ela estudou na Universidade de Cincinnati, resolveu abandonar estes estudos, mudando-se para New York, numa decisão acertada para atuar como atriz de teatro. Posteriormente, a sorte a encontrou no dia em que conheceu o diretor Frank Powell, que a convidou para atuar no filme *The Stain*. Daí para a Fox foi um pulo. Então veio o filme que conduziu Theodosia Goodman ao estrelato, *A Fool These Was* (Escravo De Uma Paixão), em 1915.

Theda Bara atuou em mais de 40 produções entre 1914 e 1926, mas apenas 06 destes filmes existem até os dias de hoje, visto que em 1937 ocorreu um incêndio nas propriedades da FOX em New Jersey, que culminou na destruição de quase todos os filmes mudos do estúdio.

O termo vamp foi criado para classificar seus papéis e, mesmo utilizando de sua versatilidade como atriz, o público clamava por suas atuações como vamp, rejeitando os filmes que ela veio a fazer fora desse estilo. Em suas entrevistas ela falava de ocultismo, misticismo e rituais, recebendo a imprensa junto de uma serpente, caracterizada com roupas obscuras e sensuais numa saleta impregnada de incenso. A mídia chegava a comentar que ela poderia ser a reencarnação de alguma mulher perversa da história, como Lucrecia Borgia ou Elisabeth Bathory.



Após sua ascensão como estrela, a vamp recebeu convites para atuar como Carmen, Camille e Cleópatra, inspirando grandiosas canções, homenagens e ainda mais glamour. Após um período de cinco anos, sua carreira perde a força, pois Theda Bara havia sido escalada para filmes medianos, quase a ponto de serem considerados medíocres. Ela deixa a FOX em 1920. Apesar disso, a estrela casa-se com o diretor Charles Brabin (1883-1957) em 1921, já rica e desfrutando de extremo conforto. Em 1926 ela reaparece no filme *Madame Mystery*, uma comédia em que satiriza sua imagem vampiresca e sedutora, na tentativa de desvencilhar-se do rótulo que a levou ao estrelato. Morre de câncer de estômago em 07 de abril de 1955 em Los Angeles, Califórnia.

Alguns de seus filmes de sucesso são: *A Fool These Was*, *The Kreutzer Sonata*, *The Clemenceau Case*, *The Devil's Daughter*, *The Darling Of Paris*, *The Two Orphans*, *Carmen*, *Camille*, *Cleópatra* e *Madame Mystery*.

phantasmagoriafanzine.blogspot.com

'Reler é se apropriar, mas também exaltar o belo e suas infinitas possibilidades.'

ANASOR ED SEAROM



O processo de executar através da pintura, releituras de grandes obras ou de um detalhe de uma grande obra, é para mim, mais um jogo lúdico do que uma revisão de tais obras.

Quando me debruço sobre tal ou qual artista, perceber outros mundos possíveis dentro de uma obra já consagrada, é o que me seduz em reinterpretá-las. Buscando a mais-realidade subjacente, algumas vezes, por séculos sob determinadas pinturas.

Essa busca do lúdico, do absurdo, da mais-realidade são partes do que compõe a minha visão como artista e quando a executo na verdade estou apenas focando o meu olhar, minha interpretação possível de camadas de realidades possíveis nas obras de arte.

###

Abrimos um ponto em que tudo deveria nos devolver ao grande útero...

de todas as direções, não importa o destino somos todos fugitivos,

a estrela da manhã... pelo menos um rio... um rio nos devolve à grande Mãe...

TAKE US TO MADRE... não importa a direção... todos fogem... a valsa de uma promessa em que tua boca oferece um beijo que se apressa... bem vindos todos nesta festa... há quem possua dores intermináveis... e também aqueles que oferecem um botão de rosa símbolo da união misteriosa... aqueles que trazem um coração partido enquanto cantam Jezebell

mas todos são bienvenidos... o vinho jorra e não sabemos o porquê...

Ahhh sim... eu sei... porque as flores são as últimas promessas...

uma canção que não se esgota na garganta de todas as cidades...

o amor é fugitivo às vezes... e um ogro se apresenta no umbral da cidade de teus amigos... um dia a porta será aberta... e todos os lindos olhos das virgens

com lágrimas de ouro acima do mundo irão dizer ADEUS...

- Romulo Pizzi

Anasor ed Searom

Artista plástico - condutora de signos e perfuratriz de símbolos, tem base em São Paulo, mas conduz prismas por todo o imaginário geográfico onde as fronteiras já deixaram de bailar.



Persephone Eyes



Persephone Eyes é da nova safra de bandas que mantêm o espírito de uma década em que bandaseram algo além do som. Começando pelo nome, que cita claramente referências mitológicas. Tiveram início em 2007 e a atual formação conta com: André Januzzi - vocal e guitarra, Cesar Cruz - bateria, Gabriela Pilchi - vocal e teclados, Henrique Pilchi - baixo, guitarra e bateria eletrônica, e Sidney Wesselka - guitarra e vocal.

Uma boa demo-tape "Control" circula por aí que contém 5 músicas onde podemos ver o ecletismo dessa banda. Se tiverem oportunidade vejam a banda ao vivo e comprovem o que está escrito. Gabriela e André dividem os vocais e os alternam também em algumas canções, os músicos trocam de instrumentos nas apresentações da banda, o que torna as suas gigs bem curiosas e intensas.. Todas as 5 composições são muito boas, mas destaco "Take the chalice" como um grande feito, esta música faz parte também da coletânea "Schatten der Vergangenheit" lançada recentemente e que conta com a participação e várias bandas do novo cenário de goth, dark wave e post punk. vale lembrar que a capa de Control é uma criação de Gabriela Pilchi que também é artista plástica.

RENATO ANDRADE

Escarlantina Obsessiva



O duo possui na bagagem o lançamento de quatro álbuns, sendo eles: Chants of Lethe (2007), Blossomy Parks (2008), Pandemic (2009) e Endemic (2010), todos os álbuns tiveram seu lançamento físico pela extinta 80's records, exceto o último que será lançado em breve. O diagnóstico da Escarlantina: com sua influência no postpunk/punk californiano e alemão dos anos oitenta, e sua essência pura que cria um revival as bandas da "época Batcave", fazendo deles uma das melhores bandas de postpunk no Brasil.

Dennis Monteiro

The Downward Path



Criada em 2002 pelo multi-instrumentista - gênio da música eletrônica (vide os mais de 10 projetos em que o homem está envolvido): Ricardo Santos inspirado no Electro-gótico, Coldwave e EBM 80's. Ele é responsável pela programação eletrônica e sintetizadores, no princípio o Downward Path contou com os vocais de Cláudia Fabiana (atualmente no Scarlet Leaves). Em 2005 a banda teve participação de Demona Bast gravando uma música chamada Black Tears, depois disso houve um intervalo nas produções do DP que volta a aparecer em 2007 com o próprio Ricardo nos vocais, o nome do Downward Path aparece em algumas coletâneas góticas, como exemplo a coletânea Retratos do Subterrâneo. Em 2009 entra Vivian Eisenacher estabilizando-se como vocalista do Downward Path até 2012, quando decide sair para levar em frente sua vida. Aguarda-se que em 2012 apesar dos reveses, saia o primeiro Cd oficial após 6 trabalhos "Demo". Em verdade trata-se de mais uma empreitada desta banda de um homem só e sua paixão por vozes femininas - extremamente justificadas na escolha dos ótimos tons de voz que deram vida à banda ao longo do tempo.

Dennis Monteiro

O Escarlantina Obsessiva surgiu em 2006 na cidade de São Thomé das Letras em Minas Gerais. A banda é formada pelo casal Karol (vocal e baixo) & Zaf (Guitarra e programação), organizadores do maior festival DIY underground da América do Sul: o Woodgothic.



Entre o útero e a força

“Quadrinista trabalha demais e não tem retorno nenhum”, afirmou Lourenço Mutarelli ao comentar seu afastamento das HQs. Aqueles que amaldiçoaram o tratamento que o país dispensa aos seus autores, porém, já não têm do que reclamar: a verve maldita de Mutarelli continua gerando iguarias.

Respeitadíssimo no underground pela virulência de suas HQs, o artista se consolidou como romancista e vem progressivamente conquistando espaço no cinema. Primeiro, tivemos as animações de Nina (2004) e a adaptação de seu romance O chelo do ralo (2006). Agora, o circuito comercial recebe Natimorto (2009), filme de estrela do diretor Paulo Machline, que adapta seu romance O natimorto: um musical silencioso.

No longa, um caça-talento (o próprio Mutarelli) recebe uma cantora (Simone Spoladore) em São Paulo, com a promessa de apresentá-la a um maestro. A chegada dela, porém, põe seu casamento em cheque, e o agente propõe à cantora algo inusitado: embora mal se conhecessem, eles dividiriam um quarto de hotel do qual ele decide não sair mais, deixando para trás uma profissão, uma esposa (Betty Gofman) e todo o asco que o mundo lhe inspirava.

Surpreendida, a cantora busca um “meio termo”: ela poderia deixar o quarto quando bem entendesse e não teria nenhuma obrigação conjugal com o agente que se considera assexuado. Dessa forma, no quarto esfumaçado pelos cigarros acesos quase ininterruptamente, firma-se o pacto que fundamenta um dos filmes nacionais mais instigantes já produzidos.

“Eu vou cantar para você dormir”

Natimorto é praticamente um filme “em primeira pessoa”, ancorado no ponto de vista do agente. Permanecemos com ele quando a cantora sai, visualizamos apenas as lembranças dele e – consequentemente – compartilhamos com ele o peso cada vez mais maior do seu retrito. Da cantora, por sua vez, temos apenas o que é expressamente manifesto: suas palavras, seus gestos e sua presença. Tanto sua ausência quanto sua intimidade são preservadas (nada sabemos do que ela cala).

Nada mais acertado, portanto, que o recurso utilizado para apresentar sua “voz da pureza” (para usar palavras do agente): se temos contato com a arte dela por meio do filtro impressionista do protagonista, que pureza seria mais convincente que o próprio silêncio? Cada vez que ela canta, o que fica evidente não é o canto em si, mas a calma que ele lhe proporciona.



Calmaria, aliás, é algo raro no longa. A tensão reina do início ao fim e amadurece conforme o arranjo das personagens é posto à prova pelos altos e baixos de sua rotina. Garantir que esse amadurecimento transpareça nas atuações é, a propósito, um dos grandes desafios do filme.

Como sua personagem exige, Mutarelli começa desajeitado e artificial, como alguém que “fala como se escrevesse”, mascarando um temperamento rancoroso que só se despe do autopolicimento nas agressões contra ela. Por sua vez, Spoladore administra uma doçura que desaparece conforme o mundo externo lhe apresenta possibilidades mais promissoras que o “regime semiaberto” ao qual se submeteu. Quanto menos ela “depende” do agente, mais ela faz valer sua privacidade no trato com ele.

“Eu só me vejo invertido”



Não há nada, porém, que chacoalhe mais a rotina de ambos do que aquilo que podemos considerar a coluna dorsal do filme: a crença do agente, logo compartilhada pela cantora, de que as fotos de advertência dos maços de cigarro de alguma forma se relacionam com as cartas do tarô. Como cada um fuma exatamente um maço por dia, as tentativas de ler a sorte nas mensagens de advertência nortelam-nos dia após dia, fornecendo as precauções e os temores que impedem que sua convivência reclusa se limite ao tédio e ao ócio.

Advém daí, também, a principal motivação e o principal temor do protagonista. Seu grande anseio é livrar-se da decadência mundana, tendo como ideal a pureza dos natimortos. Para isso, providencia um útero (um quarto de hotel, depois uma banheira) e uma mãe (a cantora com quem o sexo se configura um tabu). Seu medo é personificar o enforcado. A cama vazia assume o papel da força e, conforme a ausência da cantora se torna mais frequente, cada despertar traz um novo calafrio na contemplação dos maços.

Há quem possa afirmar que essa premissa da convivência de um casal entre quatro paredes tem fortes paralelos com longas de Arnaldo Jabor. Cuidado: Natimorto está para Eu sei que vou te amar como um delírio de Antonin Artaud está para uma vinheta de Hans Donner. A visceralidade que Mutarelli cultivava no underground continua plenamente reconhecível. Nessa travessia, sem fazer concessões, sua autenticidade resiste incólume. Permanece pura, como os natimortos.

Cid Vale Ferreira



Collage de Rodrigo Mota

POMPAS FÚNEBRES

Morpheus Affinito

Eram dias de desilusão, longe de Sampa e de sua noite cheia de porões onde o post punk insistia em se manter vivo. Vivía um exílio até então amargo, pois à primeira vista Brasília não tinha muito a oferecer – (enquanto em SP havia rock e música eletrônica, no DF imperava o sertanejo e o axé), além de ser um lugar onde a melancolia é extremizada por conta do céu tão próximo que parece jogar o peso sobre seus ombros e com todas aquelas cores pulsantes do ocaso parecendo te afogar... enfim, eu estava triste por tudo o que havia perdido e não via nada além do umbigo, afogando-me em auto-comiseração. Finalmente por conta de meu irmão Robson Fofão, conheci o Nelson que fazia um zine chamado Endecha, com muita poesia e trazia também uma nota sobre uma banda chamada “Pompas Fúnebres”, como não sabia quem era Genet, perguntei do que se tratava e com muito custo consegui que fizesse uma cópia da fita, que nem era uma demo, apenas uma gravação em casa de amigos. Foi amor à primeira audição, principalmente por conta de “Terra e fogo”, “Ulalume” e “Poema de Fernando Freire”... aquele K7 então foi copiado e repassado para outros camaradas, “popularizando” a banda entre os punks com quem andava e também entre alguns fanzineiros com os quais me correspondia. A força daquele tape era tão forte que alguns anos depois, quando o Sidney voltou à Brasília e nos conhecemos, ouvíamos à exaustão, junto com Vzyadoq moe, Muzak, Elite Sofisticada, Hojerizah, Dádivas de tróia e outras pérolas do “dark”, levando nosso camarada a encabeçar o projeto chamado Lupercais, atualmente conhecido de muitos de nossa cena. A banda não chegou a durar muito tempo, contando com algumas apresentações em locais como clubes gays no Conic e coretos de praças de cidades satélites como o Gama, havendo apenas um registro em vídeo, um ao vivo (coreto do gama) e a “demo” que hoje em dia qualquer um encontra na rede, com o áudio restaurado faixa à faixa graças ao Cid Vale Ferreira e sua paciência de Jó. Finalmente em 2011 na fria cidade de São Tomé das Letras (Woodgothic), pude assisti-los em nova formação e me emocionar relembrando toda uma saga que começou com um k7 e me levou a gravar coletâneas para divulgar outras bandas do gênero, além de fazer zines para falar sobre essas mesmas bandas... Li Jean Genet algum tempo depois e gostei do “Diário de um ladrão”, mas “Pompas Fúnebres”, embora tenha tirado seu nome do livro, ao meu ver o que vale mesmo é a banda, eternamente marcada como inspiração primordial de meu trabalho ligado à música. A atual formação do Pompas conta com: Oziel (vocal), Maurício (guitarra e pedais), Severo (baixo) e Ney (bateria), sendo que o antigo guitarrista – Sérgio, faleceu em 1999 e Alfredo, o baixista, enveredou por caminhos da música étnica e eletrônica (projeto cru, entre outros). Se houver uma oportunidade de assistir à performance desta banda, acredite, é uma experiência única para saborear a cada nota.



A banda não chegou a durar muito tempo, contando com algumas apresentações em locais como clubes gays no Conic e coretos de praças de cidades satélites como o Gama, havendo apenas um registro em vídeo, um ao vivo (coreto do gama) e a “demo” que hoje em dia qualquer um encontra na rede, com o áudio restaurado faixa à faixa graças ao Cid Vale Ferreira e sua paciência de Jó. Finalmente em 2011 na fria cidade de São Tomé das Letras (Woodgothic), pude assisti-los em nova formação e me emocionar relembrando toda uma saga que começou com um k7 e me levou a gravar coletâneas para divulgar outras bandas do gênero, além de fazer zines para falar sobre essas mesmas bandas... Li Jean Genet algum tempo depois e gostei do “Diário de um ladrão”, mas “Pompas Fúnebres”, embora tenha tirado seu nome do livro, ao meu ver o que vale mesmo é a banda, eternamente marcada como inspiração primordial de meu trabalho ligado à música. A atual formação do Pompas conta com: Oziel (vocal), Maurício (guitarra e pedais), Severo (baixo) e Ney (bateria), sendo que o antigo guitarrista – Sérgio, faleceu em 1999 e Alfredo, o baixista, enveredou por caminhos da música étnica e eletrônica (projeto cru, entre outros). Se houver uma oportunidade de assistir à performance desta banda, acredite, é uma experiência única para saborear a cada nota.



LUPERCAIS

Banda brasiliense de grande influência na cena underground, formada inicialmente em 1995, por Sidney (vocal), Rodrigo (baixo), Grazielle (bateria) e Wellington (guitarra). Ainda em 95, a vocalista Aline saiu da banda abrindo espaço para que a Lupercais passasse a incorporar o rock gótico ao seu trabalho. Nesse mesmo ano a primeira demo da banda foi lançada com o título de Eterno Retorno, contando com a faixa "Espectros" uma das principais músicas da banda.

Em 1996, sai a segunda demo "Desregramento dos Sentidos", onde é notável a grande melhora na qualidade da gravação. No ano seguinte, Rodrigo deixa a banda, que agrega Marquinhos no baixo e Tharsila nos teclados. Já reconhecida na cena gótica, a Lupercais entra com a faixa Funeral na Renomada Violet Carson – Brazilian Darkwave Collection. Em seus últimos suspiros, com a precoce morte do vocalista Sidney, mais três músicas que estavam prontas foram gravadas com Robson Fofão e Grazielle nos vocais.

Dennis Monteiro



SOLTOS

Nene Altro & O Mal de Caim

Nene Altro é mais conhecido pelo seu trabalho à frente do Dance of Days, banda de hardcore melódico que já alcançou bastante sucesso em todo o país. Por outro lado, ele também é poeta e escritor, autor dos livros "O diabo sempre vem pra mais um drink" e "Nene Altro e os funerais do coelho branco", além de vocalista da banda NENE ALTRO E O MAL DE CAIM, projeto que montou ao lado do guitarrista Eduardo (da Banda Das Projekt e ex-Krummen Mauern), que trouxe variadas formações, sendo a primeira com Jair Neves (baixo) e Samuel Rato (Bateria). Em 2006 ocorreram as primeiras alterações, já se preparando para gravação do primeiro álbum "EUREMA ELATHEA", já com Marcílio Silva (baixo) e Valentim Van Der Meer (bateria). É um trabalho bacana, tem algo do Damned na fase "Phantasmagoria", vale a pena conferir, caso você encontre por aí. Em 2010 houve nova reformulação e para gravar o álbum homônimo ao livro "O DIABO SEMPRE VEM PRA MAIS UM DRINK", com canções mais reflexivas, menos causticantes, não menos amargas... as letras são boas e a musica é bem limpa, lembra o Vultos (a dos anos oitenta, com o LP "Filme da Alma"), o time na época teve colaboração de Gê (Krummen Mauern) no baixo e Fabio Nasci e Marvin Acoroni (ambos gravaram as baterias). Quem teve o prazer de assistir a banda ao vivo, pôde ver uma apresentação pesada e forte, com direito à covers de Vzyadoq Moe, Lupercais e outras pérolas do underground.

Morpheus Affinito

Formada em 1999, o Vultos é hoje um clássico na cena underground. A banda teve uma duração média de 6 anos, teve como principal formação Fofão (guitarra e vocal), Sarça (percussão), Fabiano (teclado), Aline (vocal), Felipe (baixo) e Samuel (bateria). Suas primeiras apresentações aconteceram em meados de 2000 e seu primeiro CD saiu em 2002, com o título "A Primeira Vez". Em 2004, a banda lança seu álbum mais conhecido: Cartas para Ninguém, onde foi musicado o poema O Riso, de Augusto dos Anjos. Seu último trabalho foi o álbum Andróides de Luto, em 2005, contando com a belíssima faixa "Pálida". Hoje alguns dos integrantes do Vultos seguem seus trabalhos com música underground formando outras bandas e projetos.

Dennis Monteiro



SEGUNDO INVERNO

O Segundo Inverno surgiu há pouco tempo, porém já posso considerar a banda um clássico devido às apresentações marcantes deles, sempre bem-humorados, alternando os vocais, incluso também a participação do quinto elemento do grupo – Luciana Toloni, o que nos lembra grupos como Elite Sofisticada e a Plebe Rude em seu início. O duo Dennis Monteiro e Renato Andrade começaram em 2009, já lançaram dois eps, o primeiro homônimo e o segundo "O homem dos olhos cinzas"; neste interím a banda passou por diversas formações, mas finalmente encontraram em Penna (Mask), o homem necessário para complementar o trio mais querido da cena underground na atualidade. Aguarda-se ainda para este ano o álbum da banda, que não pára por um minuto, com seus integrantes envolvidos nas mais diversas atividades, desde programas em rádios, podcasts, fanzines e shows. Esta é a banda que estava faltando por aqui.

Morpheus Affinito



NENE ALTRO & O MAL DE CAIM

COPA 13

Caralho... estou ouvindo o som dos caras há algum tempo, repetindo as duas faixas do álbum de estreia deles, que traz o sublime título "fim de semana na região dos lagos". Fato, adorei a psicodelia que rememora uma jam session de free jazz, porém com elementos diversos, impossíveis de rotular, é como uma trilha caótica para uma noite cheia de reviravoltas... vai de uma levada folk ao experimentalismo eletrônico, fica industrial, dub... viagem total. O detalhe de ouro está no trompete, elemento cardinal na composição das duas faixas: "Triste Fim...(12:06) e "Como custa caro escutar Johnny Cash às 5am (36:33)". Abstracionismo e uma boa dose para seus ouvidos. # M. Affinito



Profundamente instigados pelo humor negro, o casal Cesare Sonâmbulo e Jéssica Rasputina deram início aos ensaios em 2007, com base no Death Rock/ Goth Rock de bandas como Christian Death, Cinema Strange, Sex Gang Children e Alien Sex Fiend. Houveram diversos nomes e formações, até que acertaram Sexchurch, enfim: Igreja do Sexo. Suas letras são esculachos aos ditames da trindade trabalho, família e propriedade... é o postulado da escória sobre o status quo de um país cristão de terceiro mundo, ou seja, podreira total. Quem ousar se aventurar, pode baixar as canções deles ou ouvir no Myspace. São os veteranos em um hospício inaugurado ainda há pouco, resta saber se estão lá como médicos ou internos. # M. Affinito

Ouvi o álbum "The children's object book" em 2010, a arte da capa evocava uma estranheza elementar, intuitivamente percebi que as canções também não seriam algo comum... e foi somente isto que sufocou a surpresa, pois há influências de Pere Ubu, Japan, Bauhaus e obviamente do Dali's car. Aliás é um álbum gostoso de se ouvir do começo ao fim, condensado, sem aparas... tudo muito redondo, bem feito e finalizado. O vocalista e idealizador da banda Michael Penny Chalmer é um daqueles maravilhosos psicopatas da música, conhecedor de lados b, k e z, que não se conformam com o óbvio e mergulham no universo das experimentações musicais, principalmente dos anos 70 e começo dos oitenta. Se estiver disposto a regalar-se com músicas bem construídas e cheias de referências sonoras para conhecedores mais avançados, esta é uma oportunidade de ouro. # M. Affinito



MOONSHADOW

Uma obra prima dos quadrinhos, cuja ousadia e complexidade abriram as portas para que outras obras pudessem também alcançar este êxito, Moonshadow apesar de todo o conceito empregado (e talvez por isto mesmo) amarga o esquecimento em tempos que os quadrinhos se tornaram moda e todo molóide antenado costuma citar Watchmen, Sandman e Hellblazer, sequer suspeitando de sua existência. Primorosa demais para a juventude heroística, fugia às caracterizações do universo de colantes, conduzindo-se em seus próprios ditames, onde a narrativa engenhosa de J. M. DeMatteis encontra-se com a pintura onírica de Jon J. Muth, dando vazão às desventuras cósmicas do Jovem Moonshadow, seu gato Frodo e o humanoide peludo Ira, narradas pelo ancião Moonshadow sobre sua trajetória desde a infância rumo ao seu "despertar" para a vida, entre os muitos flashbacks sobre sua mãe hippie – Sunflower - que em dado momento se envolveu com uma entidade de uma raça de seres conhecida como G'L-Doses, gerando assim nosso anfitrião. Com muitas referências literárias (entre outras), mergulhos psicológicos (M. Klein/Freud/Jung), vãos filosóficos (Schopenhauer, Voltaire, Nietzsche...) e ondas poéticas para afogar o coração (Shelley, V. Hugo, Novalis...) é decepcionante que não haja reedições no Brasil. Lançada pela Marvel Comics em 1985 pelo selo Epic (predecessor direto da Vertigo, que anos depois relançou esta mesma série), saiu no Brasil em 1990 no mesmo balaio com Monstro do Pântano e Afins. A série não foi escrita para espíritos simplistas, há necessidade de se ter um certo embasamento literário e algum conhecimento de cultura geral para que não escape como areia por entre os seus dedos, isto talvez explique (e até justifique) que não hajam reedições brasileiras. # M. Affinito



Shoegaze



Em 1983 Cocteau Twins lança o EP 12" "Sunburst And Snowblind", cuja primeira canção é a bellssima e melancólica "Sugar Hiccup", que também está presente no segundo álbum da banda, "Head Over Heels", lançado logo depois. Essa canção marca o abandono do pós-punk soturno do começo de carreira para algo mais etéreo e melódico. Essa transição ficou bastante clara em "Treasure", terceiro álbum lançado em 1984 e considerado a obra-prima do Cocteau Twins. Nele a banda mergulha de cabeça numa sonoridade mais atmosférica e celestial marcada por guitarras encharcadas de efeitos, cujo acordes se perdem numa onda climática de sons que, aliada ao delicado vocal feminino, faz com que o ouvinte se sinta num surreal e lindo sonho.

Jesus and Mary Chain surgiu em 1984 com o single 7" "Upside Down". O b-side, uma cover de "Vegetable Man" do Pink Floyd (composta pelo Syd Barrett), apresenta microfonia de guitarras ao invés de acordes - o que viria a se tornar a marca registrada de "Psychocandy", álbum de estreia dos irmãos Reid lançado em 1984. Caótico e extremamente barulhento num primeiro momento, revela-se pop em audições mais atentas. Suaves melodias influenciadas por Velvet Underground e The Beach Boys surgem no fundo das canções, que num primeiro momento soam como uma frigideira em pleno funcionamento. "Psychocandy", com seus vocais soterrados por guitarras distorcidas no máximo volume, algo que nunca havia sido feito até então, se torna clássico instantâneo.

Basicamente o shoegaze é a união de "Treasure" com "Psychocandy". É a união do clima etéreo de um com o componente caótico e barulhento de outro. O nome vem da expressão "fitar os sapatos". Isso porque as bandas shoegaze não se mexem no palco e ficam sempre olhando para o chão. Antes da pose blasé, isso acontece para acionar os diversos pedais de efeito que as bandas usam para manipular o som. A banda que melhor define o shoegaze é o My Bloody Valentine. Surgiram em 1984 como banda gótica de terceira categoria, passaram pelo indiepop da Class of 86 e no meio de 1988 lançam o EP 12" "You Made Me Realise", contendo cinco canções que não lembram quase nada o que faziam anteriormente. Com esse EP a banda passou a fazer shoegaze.

Mas o estilo ficou bem definido mesmo foi com o lançamento do álbum de estreia "Isn't Anything", no fim de 1988, considerado o marco zero do movimento. Todas as principais características do shoegaze estão presentes e bem definidas nesse álbum, como o uso do vocal para que soe mais como um instrumento ao invés de ferramenta para cantar letras geniais. As letras não são importantes, já que as guitarras encobrem tudo e ninguém consegue entender quase nada do que é dito. Entretanto existe uma preocupação evidente em produzir as mais belas e assobiáveis melodias. Ao arranhar a superfície quase sempre nos deparamos com uma canção pop.

Outros álbuns também merecem citações por serem percursos e terem influenciados bandas shoegaze. "Sound Of Confusion", estreia do Spacemen 3 lançado em 1986, é um desses. Altamente psicodélico e hipnotizante, assim como o Loop, que no mesmo ano estreia com o EP 12" "16 Dreams" e o debut-álbum "Heaven's End" lançado logo em seguida. Tanto o Loop como o Spacemen 3 faziam um som parecido e bastante influenciado pelo krautrock, no wave, psicodelia e proto-punk. Excesso de barulho, poucos acordes, repetições infinitas e um certo experimentalismo são características bastante presentes no shoegaze. Ainda em 1986 é lançado "When You're Sad", EP 12" de estreia dos obscuros A.R. Kane, também considerado peça fundamental, mas geralmente esquecida pois o álbum que se seguiu, "69", já escapa da órbita do shoegaze para vãos mais ousados, dos quais eles nunca mais voltariam.



Voltemos ao fim dos anos 80, quando até o The Cure abandona o rock/pop de "Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me" para lançar, em 1989, o melancólico e soturno "Disintegration", indiscutivelmente um dos pontos altos da carreira e influência básica para diversas bandas shoegaze que agora surgiam aos montes na Inglaterra. Como o Pale Saints, que no mesmo ano lançou o EP 12" de estreia "Barging Into The Presence Of God", que abre com a canção "Sight Of You", um dos hinos shoegazers. O EP 12" homônimo de estreia do Ride surge logo depois e também abre com um clássico do estilo: a energética "Chelsea Girl" e suas rasgadas guitarras envoltas num mar de distorção. O Ride ainda lança mais dois EPs em 1990: "Play", com a magnífica "Like A Daydream" e "Fall", com "Dreams Bum Down", sendo que somente essa entrou no álbum de estreia "Nowhere", considerado um clássico absoluto e peça chave do shoegaze. Quem tem mais de 30 anos e na adolescência costumava frequentar os infeminhos da cidade já deve ter dançado bastante "Vapour Trail", hino shoegazer presente

Foi nessa época que a imprensa musical britânica (composta basicamente pelos semanários New Musical Express, Melody Maker e Sounds) surgiu com o rótulo shoegaze, que num primeiro momento servia para criticar a postura apática das bandas em cima do palco. Uma porção de bandas com sonoridades parecidas surgiam, como Lush, Chapterhouse, Slowdive, The Boo Radleys, Swervedriver e Moose, que rapidamente receberam o rótulo e abraçaram o mesmo. Outra crítica comum era o fato de que todas essas bandas eram compostas por garotos brancos da classe média inglesa. Puro preconceito. No fim o que importa é a música e nisso todas essas bandas se garantiam. Até hoje são influentes e lembradas como um dos últimos sopros de originalidade surgidas no rock alternativo mundial.



Por onde andava a banda mais influente do estilo? O My Bloody Valentine preparava a derradeira obra-prima do shoegaze, mas antes presenteava os fãs com maravilhosos EPs, como "Glider" e "Tremolo E.P.", lançados em 90 e 91 respectivamente e que serviram de introdução para "Loveless", o álbum mais importante do movimento. Perfeito do começo ao fim, até hoje causa suspiros e arrepios em quem ouve pela primeira ou quinquagésima sétima vez. Kevin Shields, guitarrista e vocalista, foi alçado ao posto de gênio e até hoje não conseguiu lançar o sucessor desse álbum. Bem capaz que nunca lance, já que dificilmente vai superar o impacto que "Loveless" teve não só no shoegaze, mas na música como um todo.



Pode-se dizer que depois de "Loveless" nada mais foi o mesmo. Muitos tentaram copiar, mas ninguém conseguiu. Parte desistiu e foi fazer outra coisa. Nos Estados Unidos surgia o grunge, na própria Inglaterra o britpop dava seus primeiros passos. Isso sem falar na explosão da música eletrônica. "Loveless" ultrapassou a barreira do shoegaze e passou a influenciar bandas como Seefeel, que elevava o estilo a outros parâmetros, adicionando elementos de techno, dub e música ambiente. "More Like Space EP", estreia lançada em 1993, prova que shoegaze poderia seguir sendo criativo e inventivo. No decorrer dos anos foi justamente o que aconteceu. "Loveless" foi o ápice de um estilo vivo até os dias de hoje.

O rótulo shoegaze adquiriu indiscutível importância como estilo musical. Está presente em grandes guias musicais, como o All Music Guide e Trouser Press. Na internet existem fóruns e listas de discussões dedicadas ao estilo. Hoje em dia gravadoras especializadas em shoegaze, como a norte-americana Clairecords e a inglesa Club AC30, lançam inúmeras novas bandas. Destacam-se Ringo Deathstarr, Pia Fraus, Tears Run Rings, Air Formation e The Daysleepers.



Ainda nos anos 90 surgiram bandas shoegaze em todas partes do mundo. Nos EUA tivemos Lorelei, Lilys, Black Tambourine, Medicine e outras. Até mesmo no Brasil houve respingos: podemos citar Low Dream, Comespace, Speed Whale e brincando de deus como grandes destaques. Mas isso é tema para outro artigo.

Gilberto Custódio Jr.

[LOCOMOTIVA]

Galeria Nova Barão
Rua Barão de Itapetininga, 37
Rua Alta - Loja 51 / fone: 3257 5938

DAMN LASER VAMPIRES



Graças ao Youtube pude testemunhar o excelente trabalho desta banda gaúcha, que faz um horror punk honesto com referências clássicas mas roupagem própria, fugindo das dezenas de arremedos do Misfits que rondam o mundo. Os cliques elaborados, produzidos e conduzidos pelo próprio grupo são um caso de amor à primeira audição, viciantes... cheios de historietas, reclames autoreferenciais e linguagem pop-trash. O Trio formou-se com o casal Ron Selistre (sinistro - vocal e guitarras) e Francis K. (fetiche puro - baixo) e o amigo Michel Munhoz (invocadíssimo - bateria) em meados de 2005, ponto de partida para uma carreira em ascensão com direito à relançamento do primeiro álbum de 2006: "Gotham Beggars Syndicate" na gringa em 2008 pelo selo americano "Devil's ruin records". O segundo álbum é de 2011 "Three gun mojo" (produzido pelo roqueiro Marco Butcher) e que já conta com grande reconhecimento pelo público ao redor do globo. Creio que o Damn Laser Vampires foi a surpresa mais agradável que a internet me proporcionou neste ano maluco. O som deles é muito foda, rememora muito a energia dos Cramps...

Simplemente uma das maiores bandas de Darkwave do mundo e certamente a maior do Brasil.

Formou-se em 1989, está aí até hoje e com uma competência de poucos; os integrantes são muito bacanas (pura simpatia, quem já trocou algumas palavras com eles, bem sabe) melhor que isto, são músicos de uma excelência de poucos precedentes, além de já terem dois álbuns lançados (Elegia - 2000 e Underworld - 2004), fora um bocado de EPs para comprovar o que digo. Suas apresentações são sensacionais, uma presença de palco incrível e uma performance marcante o suficiente para empolgar o público do Wave Gothik Treffen por dois anos seguidos (2000 e 2001). Não tenho muito o que dizer da banda a não ser ficar tecendo elogios por parágrafos sem fim... para resumir tudo: Eles são foda e simplesmente os melhores e ponto final. Vida longa ao Elegia!

Elegia



NOCTVILLAINS



Nasceu em 2008 como um duo entre Roxy Perrota (X-Devotion) e Vagner Sousa (The Concept), reuniram sua paixão por música e deram vazão às canções que apresentam por aí, agora como um power trio, com André Semeone (Starfish 100) integrando a percussão do grupo. Com canções que vão do shoegaze ao post punk, eles trazem uma nova energia ao cenário underground já cansado de velhas fórmulas, surgem como um rompante que impressionou bastante até o Luiz Calanca, produtor da Baratos Afins. Realmente ao vivo os caras são foda, revolvem e modificam sem perder a sintonia com as composições iniciais, mais calmas. Essencial para os amantes das clássicas "Guitar bands" com direito à atitude icônica e tudo o mais.

The Tears of Blood

É um comentário unânime e geral na cena, o Tears of Blood faz uma enorme falta nos palcos. Suas apresentações sempre foram marcantes e as canções já soam como grandes clássicos de nosso cenário underground... se você não conhece "Never be the same" ou "In the way of soul", definitivamente não frequentava os porões brasileiros no final dos anos 90 e começo de 2000. O grupo que após diversas formações definiu-se como uma família em Zé Carlos (percussão), Marcus Dutra (baixo), Alessandra Carvalho (Teclados) e Andrezza Husky nos vocais, procura acertar-se com um guitarrista, após a passagem de diversos bons representantes. Ao visitar a página do grupo no myspace, ouvi as composições mais recentes com destaque para "Caminho Obscuro" e fiquei muito empolgado ao perceber o aperfeiçoamento de um trabalho iniciado em sua primeira demo de 1996. Vale a pena ressaltar que se trata de um grupo onde os membros são muito detalhistas e preocupados com o resultado que vão passar aos ouvintes; preocupam-se com a atmosfera e todo o processo, visto que são a banda mais autêntica e tradicional de Gothic Rock do Brasil, pecam apenas por nos deixar com saudades dos shows e por ansiarmos por um álbum da banda, que esperamos com material inédito e na qualidade que alcançaram.



Todos os textos nesta página:
By - Morpheus Affinito



C.G. - Oi! Gostaria de pedir que, pensando em quem não conhece a banda ainda, apresentassem os atuais integrantes e pontuassem um pouco da trajetória da Modus. Como foi o começo (como foi o primeiro "vamos fazer um trefco!)? Quais formações a banda já teve? Quais registros musicais existem?

M.O. - A banda iniciou as atividades em 1996, mas os primeiros shows foram em 1998. No final de 1999, houve uma parada por causa da mudança na música (eu tocava baixo e passei para o sintetizador por uma necessidade de experimentar mais) e um retorno em 2000 que estamos até hoje! O começo foi eu, e mais dois amigos: Alexandre e Igor. O primeiro nome deste projeto era Periplaneta Americana, com a saída de Alexandre; eu e Igor procuramos outras pessoas e daí nasceu a Modus Operandi. As formações já foram muitas (no nosso blog tem um post com todas, dêem uma olhadinha) e os registros musicais foram: Introdução (1998, ainda com a formação guitarra-baixo-bateria), Radio-Graphia (2000) e h...estereo...(2008), fora participações em coletâneas.

C.G. - Gostaria de pedir que falassem um pouco sobre como é a cena em Salvador. Quais os eventos recorrentes? O Darktronic já conta com quantas edições? Quais notícias vocês nos dão sobre a atual lavra alternativa na Bahia? O que têm ouvido e visto de melhor por aí?

M.O. - Temos o Darktronic, que já tem mais de 5 anos e vai para sua 10ª edição. Tivemos o Nordeste Gothic Reunion, agora mais recentemente temos o Goth-o-rama. Tem alguma coisa rolando, boas bandas como: Jardim do Silêncio, Almas Mortas, Inomináveis, Desroche. O público comparece, e até em SP as pessoas falam sobre a união por aqui... Mas podia ser melhor!

C.G. - Ao longo desses mais de dez anos de estrada, olhando em perspectiva, vocês consideram que há mudanças de eixos nos trilhos da caminhada? Entre a Modus de hoje e a do início, o que permanece e o que se foi?

M.O. - Em termos musicais, evoluímos no sentido de que nosso som se tornou mais próprio, com personalidade ímpar. E o mais interessante foi que nos tomamos uma verdadeira família! Sei que é clichê, mas no nosso caso é algo palpável: Vamos uns na casa dos outros, nossos filhos brincam juntos, nossos parentes se conhecem... E isso determinou uma maior interação da banda.

Carusa Gabriela



COM FORTES REFERÊNCIAS À MILITARIA (PERTINENTE AO ESTILO), PROJETA NA MÚSICA O CONTEXTO DE "ESPÍRITO DO GUERREIRO", SOBRETUDO O SENSO DE HONRA, BRAVURA E FRATERNIDADE. SONORIDADE MINIMALISTA ONDE RUÍDOS ASSALTAM O OUVINTE ENQUANTO UMA SENTENÇA É DESPEJADA EM SUA MENTE. MÚSICA CONCRETA? INDUSTRIAL? - FRAGMENTOS DO BIG BANG HIPERMODERNO DAS METRÓPOLES; O NÚCLEO DO HOMEM ESFACELOU-SE E AGORA REFERÊNCIAS TURVAS DE TRADIÇÃO SÃO APANHADAS NO TATEAR CIRCUNDANTE DO FLUXO COTIDIANO... SÍMBOLOS E SIGNOS SE CONFUNDEM COM OS ROMPANTES DESTAS AURORAS ARTIFICIAIS QUE VEM SAUDAR AS BESTAS EM SUAS MANHÃS. É O GRITO DE BASTA FORA DE FREQUÊNCIAS MUNDANAMENTE DIGERÍVEIS, NUMA LINHA DE PROTESTO DIFERENTE DAQUELAS QUE CULPAM O GOVERNO POR TODAS AS MAZELAS E ESQUECE DE APONTAR O DEDO NA CARA DO INDIVÍDUO. LUCAS KHAOS, COMO TAMBÉM É CONHECIDO, JÁ LANÇOU DOIS ÁLBUNS: "NON DVCOR DVCO" (2008) - CUJA BELA CAPA E A CITAÇÃO FAZEM REFERÊNCIA DIRETA À SÃO PAULO. "BEM VINDO AO HORÁRIO NOBRE" (2008/2009) - ONDE DESTACO "UNIDOS LUTAMOS" E "EXTRAORDINÁRIA RESISTÊNCIA". SUA PARTICIPAÇÃO EM SPLITS E COLETÂNEAS NO EXTERIOR DÁ MOSTRAS DE UM TRABALHO QUE ESTÁ LONGE DE TERMINAR. ACONSELHO UMA AUDIÇÃO EM VÁRIAS FAIXAS DA BANDA, HAVERÃO GRATAS SURPRESAS AOS AMANTES DO GÊNERO. MINHA PREDILETA É "NOITE BRANCA" - UM HINO INTOLERANTE CONTRA A CRIMINALIDADE EM MODA.

M. Affinito



INDUSTRY

Morpheus
Affinito



Wave Records - Cd Shop & Label
www.waverecordsmusic.com



ALEX TWIN é uma das pedras angulares da cena Darkwave brasileira. Desde os idos oitenta, não só frequentou, mas foi primordial para que a cena continuasse e pudesse se orgulhar do material produzido no Brasil. O extinto selo "CRI DU CHAT" estava em páreo com selos de todo o mundo, lançando novidades e mostrando ao resto do planeta que aqui também era produzido material de qualidade, assim como seu atual selo "WAVE RECORDS" continua a fazer. Partindo para o lado das bandas, Twin encabeçou grandes projetos, dentre eles o "INDIVIDUAL INDUSTRY", grande caso de amor do público underground dos anos 90 (e até hoje), 3 COLD MEN, PECADORES (sensacional) e finalmente o WINTRY, que traz um som dançante cujo impacto nas pistas é notório. Os vocais de LAHANNYA são dignos de uma sereia, removem desta dimensão até o mais sorumbático dos mortais... e a produção fica por conta De ALEX TWIN que define o estilo do grupo como ETHEREAL POP. Sou suspeito, mas acredito que seja outro marco na carreira de nosso camarada, sempre trazendo à tona produções do mais alto gabarito.

Dimensões

Somos, no cerne de nosso ser, o verbo como o é desde o princípio.

O horizonte parecia um tanto cansado, quem sabe meio ocioso, não sei... De sua posição privilegiada espiava-me através das brechas suspensas no espaço existente. Apesar da distância, o que compreendia-se entre os dois pontos nada mais era que um nervo, tal como a corda de uma lira, vibrando para nós a mesma harmonia, todos os tons incrustados adequadamente na quadratura de ambas as percepções. Nossas essências interligavam-se por entre meandros de loucura e absolutos devaneios. Éramos a santíssima trindade... O céu conspirava também nessa quadrilha de elementos perceptivos, derramando-se sobre um e outro, acalentando conosco e adormecendo conosco endechas e lapsos pardos onde o querosene não dava combustão as chamas (sonhos sem oxigênio). Estávamos: foco, dispersão e delírio.

Sombras abordavam-nos, eram princesas, filhas bastardas de um sol imperioso e de todos corpos e suas formas, o sol, monarca de todas suas irradiações, implosões e explosões, tributando-nos com sua lealdade, caminhando pelo céu, sobre eu e despertando e desfalecendo no horizonte. Foebus (ou Apólo ou Rá, nunca se tinha certeza do seu nome até que cessasse de brilhar) jamais era obtuso, ou seja, também nós tínhamos nossas sombras, e Apólo, ao contrário do que se imaginava e dizia-se por aí, reconhecia seus limites, num universo onde patriarcal era só o engano, recolhia-se à nossa companhia, dando-nos com o que brindar em suas horas de melancolia, quando o tempo, exterminador de tudo que do carbono se compunha, carrasco da própria memória e ainda único detalhe da mesma (senão seu cosmos), dava-nos o toque de retirar... Era chegada a hora da majestade de tudo que existia, aquela que em seu seio materno ninava estrelas, embalava constelações... ela, para quem o verbo era só um suspiro e a luz, uma fagulha limitada de sua conjuração. Treva, eis a suprema e absoluta matriarca do infinito, corpo e sopro onde nós, vermes, células e tecidos, e ainda membros ou órgãos, flutuávamos e nos debatíamos no berço de todo sentir e de todo exprimir, onde a realidade também pouco significava, dada a importância de um mundo ou um grão. Como dizia, nos reuníamos ao fim das tardes, o horizonte, o céu, o sol e eu, e de nossa união nasciam destilados e sentimentos, dardejando emoções e coisas inexprimíveis que arrebatavam e elevavam ao gabarito de uma simples e irrisória partícula errante pelo domo da consciência... Era o spleen solene que se formava, remetendo-nos ao eterno retorno, quando tudo e nada também rolavam sobre a relva do poente, dor e alegria, caos e ordem, tristeza e paz... todos se despedaçavam e ainda se mesclavam num balé de cores e odores... uma orquestra fantástica que sobre todos os vales e mares se arrastava, era a apoteose da criação.

A magia de nossa afinidade renovava-se, pois sempre parecia durar somente alguns míseros minutos, não havendo rotina para nosso mútuo amparo. Parecendo se perder, cada qual fomentava, não desejos, mas a crua vontade de para sempre convergir naquele caldo terminal, turbilhão de imaginação que emanava do ínfimo de nosso ser... Tal era a nossa comunhão, que podíamos todos perceber em nossos espíritos o que se passava na idéia de um e de outro. O sol é quem sofria o maior sacrifício, pois só para si constava seus méritos e deméritos, e por mais declaradas que fossem suas idéias, para nós a representação de seu mundo jamais seria de tal explanação, não havia a comunhão entre nossas almas, e isso era bem mais além do que a amizade poderia alcançar. Um dia repousando em nossos olhos a brisa de um estranho caso, nuvens ocultaram ao meus olhos e ao horizonte, o sol, que arrastou-se depressivo, assistido sob a colossal visão celeste, porém fingiu indiferença, não confabulou com o céu, preferiu estar sozinho... Foi a primeira vez em que o dia passou em obscuridade, e do céu, isolado, uma forte chuva se desprende do negrume que formara-se sobre minha cabeça... nem o horizonte era possível avistar, enfim estávamos separados. Assim nasceu março ou dezembro, não me recordo... mas muito ansiosos eram os preparos para o outono, em especial abril e maio, quando a saudade apertava e nos encontrávamos mais próximos do que nunca, ali, com o velho horizonte, onde o sol se recolhia e junto ao céu e concebíamos um licoroso vinho, feito do compreender, estar, existir e resistir... ou simplesmente sentir e vislumbrar uma nostalgia... Ali, no crepúsculo sempre nos achávamos, encontrando o nosso fim.

Poesias e conto por

Eduardo Morpheus Affinito

Flutuando na superfície de um espelho
uma imagem do passado
um suspiro e o sonho expande
o tempo se perde entre meus dedos
como a areia que me força a fechar os olhos...
crepusculo e amanhecer que não se esgotam
tocam meu rosto com suas cores
apenas eu em preto e branco
enquanto o calor enveniza meus passos
num caminho que outrora singrei
e ali, quando a escuridão chega
beijo estrelas e contemplo a lua triste
a afagar minha alma solitária
num desejo de eternidade
numa brisa de ilusão.

creio nas formas,
em relevo de cores,
fantasmas de odores,
sabores solúveis,
sou escravo da informação!

Dados trafegam meu corpo
círculos se formam no céu,
sangue do tipo rançoso,
o sustento é um osso,
o olhar na dispersão...

maquinário entre os dedos,
o tempo é segredo,
o vulto é desejo,
o caos é uma impressão!

Magia binária,
cabala hereditária
doença hermética
eclipse da iniciação.

Passagem

Noites que passam,
Que chegam e se perdem
No caminho de nossas vidas
Que se cruzam à noite
Salpicando de estrelas
O chão pisado da escuridão.

Insone e elétrico,
Clarão nervoso, olhar bélico,
Valsando à beira do precipício,
Uns vem e se vão,
Mas o resto é eterno,
Abraça o propósito do cansaço.

Cativante crepúsculo,
Deitado pasmado sobre os arbustos:
Calmaria delirante...
Em meus olhos
O sol enxerga o fim de seu esplendor!

Joyce Mansour (1928-1986) nasceu na Inglaterra de família oriunda do Egito, viveu no Cairo onde primeiramente veio a ter contato com o surrealismo francês. Em 1953 muda-se para Paris, se transformando numa das poetas surrealistas mais significativas, obtendo reconhecimento também por sua produção de prosa e teatro.

Sua obra poética, possuidora de um erotismo com evocações de violência e impacto, plasma no leitor visões fulgurantes, dimensionando o mais simples dos atos numa experiência transgressora da própria realidade.

Em Mansour só é possível uma via: a convulsão do sentir.

Anasor Ed Searom

Há sangue sobre a gema do ovo
E água sobre a ferida da Lua
Há esperma sobre o pistilo da rosa
Há um Deus que habita uma igreja
Que canta e se entristece.

- À Andre Pierre de Mandiargues -

Os Mortos de cabeça de cachorro

Eu sei que os mortos em coito mudam e reaprendem a sofrer
Quando a Lua tira sua pica de olhos de chuva
E brotam dentro de suas feridas e voltam, parecem desfalecer

Endiabrados pelo vazio
Perdidos deslocados

Prendem

Enchem o ar de seus membros abrem suas bocas gritam
O leite escorre

Mas a garoa enche esses céus onde brotam a podridão
Afogado mesmo os mortos

De olhos domingueiros

Afogado os tiranos que

Discutem a eternidade

Fazendo flutuar homens, propriedades e bens

Mulheres crianças homens cachorros cachorros com cabeças de homens

Todos esses cachorros de homens

Todos bens de homens

Dentro a sopa fibrosa espessa

Do nada

Regra de Vida

Comer um olho dentro do ovo
Um cavalo ou cervo
Um cérebro flácido de saúde
Um Basset um violino

Comer por comer
Se estrangular de carne
Agitar seu ânus sobre um farol vítreo
Comer
Alimentar-se para morrer
Dentro de uma lágrima de sangue
Comer para impedir que os outros o comam

O Corpo de um cardeal

O corpo de um cardeal é semelhante a essas pálidas visões
Do pianista atrelado ao seu teclado mecânico
Pérola branca amolecida pela ameaça das calças caídas
Embaixo do crucifixo esse outro poleiro alegre
Que domina a ondulação de cabeças de orifícios e de assuntos benfazejos
Apesar dessas esporas esgarçadas
O amor prefere que esses canteiros tristes
Pássaros com bicos de clitóris e patas em decomposição
Mas o que faz o cardeal
Expelido de sua camisa
Exaurido de suas rendas
Se apossa de seu telefone
Mais frio que uma estátua
Nos fundos de uma alameda negra
Friamente rasgados Oh! Cavalos magnéticos
Esta ele apenas contente de salpicar assim a fachada da agonia
De seu perdão perdão perdão
Ele sabe que a morte logo vai retornar
Plantar uma nova cruz
Dentro a esfera vegetativa
De um cardeal que dorme

Romulo Pizzi (o tradutor das poesias de Joyce Mansour)
Poeta que transita entre as dimensões ocultistas, percorrendo o erotismo e a vivência poética de seu tempo sob o signo literário de Alfred Perles e Henry Miller, dialoga com o surrealismo em sua liberdade de criação e em suas atividades sem significado aparente.
Vive e trabalha em São Paulo.

Fuligem Sépia

Inicialmente conhecidos pelo nome Mal do Século, a banda Fuligem Sépia começou a tomar forma em 2005, quando Fadil Lira, letrista, guitarrista, e um dos fundadores da banda, e já com passagem por bandas de outros gêneros, resolve dar vazão a uma banda de pós punk, e anuncia através da internet que estava à procura de pessoas com o mesmo interesse de levar um projeto desse tipo adiante.

**Carlos Alves - vocais, guitarra,
teclados**
**Fadil Lira - guitarra, backing
vocals**
Caio Alves - baixo

ANDY NOIR



No começo do ano seguinte, ingressa no curso de Ciências Sociais, e por essa ocasião, acaba conhecendo Carlos Alves, colega com afinidades musicais em comum, e que, após passar pela banda Poluição Noturna, tinha a pretensão de fazer parte de novos projetos musicais. Trocam contato e após breve hiato, realizam um primeiro ensaio com Fadil na bateria e Carlos na guitarra e vocal. Fadil opa por assumir a guitarra, Carlos chama seu irmão, Caio Alves, e o amigo Renan Torres, para assumirem respectivamente baixo e bateria, e assim, encontram sua formação inicial. Com esse line up, e ainda sob o nome de Mal do Século, fazem as primeiras apresentações em 2007, mesclando entre covers de Joy Division e The Cure, composições próprias, como Frieza Luminosa, e a belíssima A Rua e a Chuva. Decidem mudar o nome da banda, e por sugestão de Caio, adotam definitivamente Fuligem Sépia. O nome é uma homenagem às bandas inglesas, em sua maioria nascidas de cidades industriais, onde a fuligem se mistura aos cinzentos muros de concreto, formando uma paisagem tétrica e desoladora, e com aquela atmosfera indefectível que somente cidades como Manchester (ou Madchester, caso prefiram) e Leeds podem proporcionar.

Alguns meses depois, por motivos internos, o baterista Renê deixa a banda, porém, os outros integrantes decidem seguir sem muitas alterações, e adotam uma bateria eletrônica como quarto integrante. Com a formação definitiva, o trio faz sua primeira apresentação como Fuligem Sépia na cidade de Santo André, e tudo corre bem. Gravam algum material em 2007, mas só em 2008 finalizam material suficiente para lançarem um EP homônimo, o único release oficial da banda, diga-se de passagem.

Realizam um show na USP no mesmo ano, e após divergências, a banda é extinta, sem nem mesmo promoverem seu trabalho. De forma oficial, o já citado EP é o único lançamento da banda. O disco é poderoso e consistente, possuindo letras tanto de cunho político quanto existencial, e conta com um esmero ímpar que se estende por todas as faixas. Diante das qualidades apontadas, e que de forma justíssima condizem com o material apresentado, merecem ser conhecidos por todos que sabem da qualidade de nossas bandas, e acreditam no potencial do nosso cenário.



ECOS D'ALMA

Eduardo Cabral

A banda Ecos D'Alma iniciou suas atividades em maio de 2007 na cidade de Sorocaba em São Paulo com fortes influências do Pós-Punk e Darkwave oitentistas de bandas como Joy Division, Bauhaus, Killing Joke, The Birthday Party, Sisters Of Mercy, além de bandas da cena nacional como 5 Generais, Cabine C, Kafka e da também Sorocabana Vzyadoq Moe. Nos primeiros ensaios contavam com Rodrigo Florentino (baixo), Paulo Canizeli (guitarra), Lucas (bateria), Luiz Alvarenga (teclado) e Alfredo Alvarenga (vocal).

A banda foi batizada pelo baixista Rodrigo nesse período, mas não tardou e o mesmo deixou o grupo, dando lugar para o baixista Daniel Kokinho. A sonoridade do Ecos D'Alma estava em sua fase mais crua nesse primeiro momento, chegando inclusive a integrar elementos do punk. No ano seguinte contaram ainda com o guitarrista Vader, mas em 2009, devido a problemas internos, passaram a atuar com a duo-formação que se segue até hoje com os irmãos Luiz e Alfredo atuando com dois teclados, programações e vocais, passando a agregar maiores tendências do Synth-Pop, EBM e até mesmo elementos Psicodélicos e Noise à sonoridade do grupo. Em julho de 2009 lançaram seu primeiro álbum virtual intitulado "O Labirinto". Em 2010 foi a vez do primeiro trabalho em mídia física, o EP "Não Há Mais Porque Lutar" e em junho de 2011 lançaram o EP "Misericórdia", durante a importante apresentação da banda na 3ª edição do Woodgothic Festival em São Thomé das Letras.

O Último Número

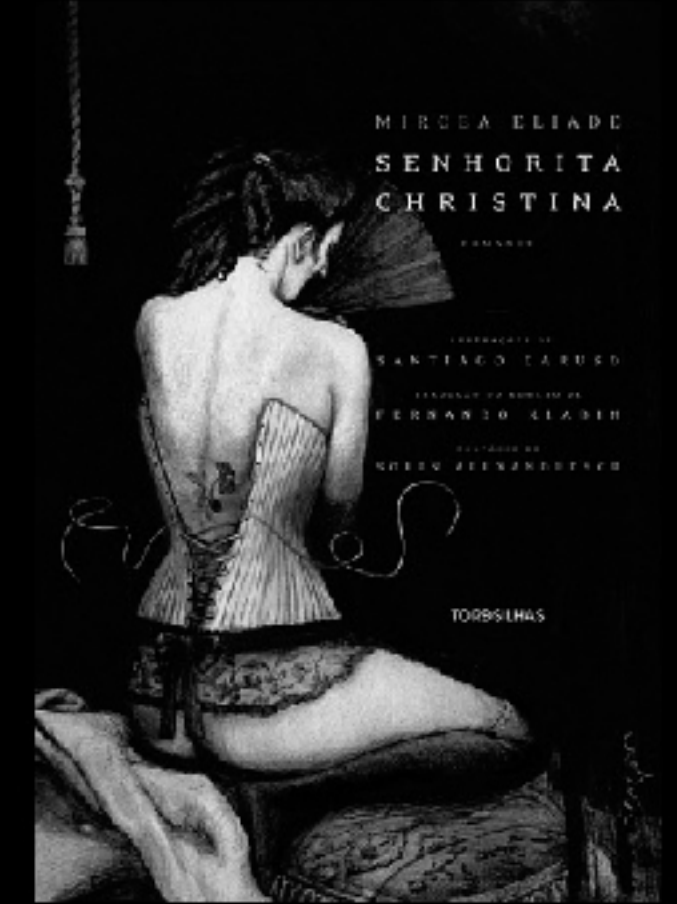
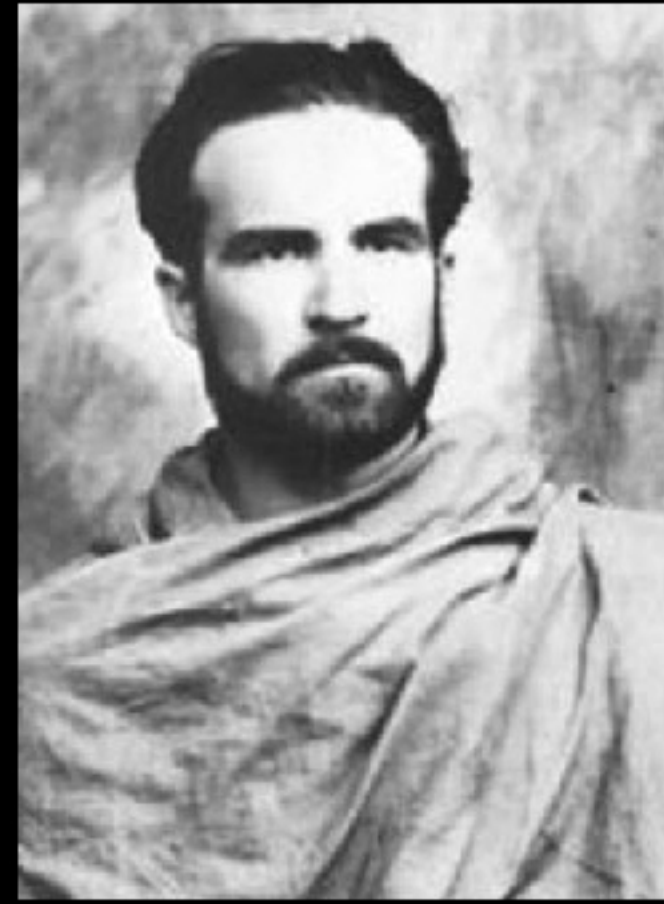
A banda que se formou em 1985 fora do Eixo: Rio-SP-DF, ficando justamente num ponto que abrigava uma outra cena forte na época, a heavy metal, destoando de seus vizinhos, justificava sua existência graças ao pequeno público que arregimentou com suas apresentações que mais lembravam saraus, graças às letras ricamente elaboradas da banda. Seu LP de estreia "Strip tease da alma" (1986) – destaque para a canção "Dama da noite" - gerou um burburinho que deslocou a banda de Belo Horizonte para tocar em locais sagrados da época como o Circo Voador/RJ e Madame Satã/SP. Em sua primeira formação para este disco a banda era: Gato Jair - vocal; John Daniel - guitarra e violão (futuro Pato Fu); Paulo Horta – baixo / arranjos e Clôde Franco - bateria. Dois anos depois voltariam à praça com o álbum "Filme" (1988), que de certa forma demonstrou um amadurecimento consistente em relação à obra anterior, uma canção apenas justifica a força de Gato Jair como grande poeta, onde dialoga com Sade e Lou Reed: "Carta do Marquês" é tão bela e tão forte e tão sensual... real motivo que me trouxe a escrever esta matéria... pois uma composição destas deve permanecer viva entre registros escritos e obviamente espero que baixem a música ou comprem o vinil, pois é um crime obliterar tal obra prima. Na época do lançamento deste disco, Bob Faria é quem estava no Baixo e Otávio Martins dominava o violão e guitarras. Treze anos depois Gato Jair reuniu alguns membros da banda para lançar com ajuda de recursos da secretaria de cultura o CD "Museu do mundo", porém não tive acesso ou conheço alguém que tenha esse material, que já se rende à MPB, com Paulinho da Viola e afins, conforme alguns sites informam. O importante é ouvir em alto e bom som os dois LPs que lançaram em seus anos de guerra, produtos da melhor época para o rock brasileiro.



O nome da banda provém do último poema de Augusto dos Anjos e entre suas referências estão escritores como Cortazar, Henry Miller, Rimbaud, Dante e tantos outros menos óbvios.

Morpheus Affinito

Senhorita Christina



Para os incomodados (e mesmo para quem não se incomoda) há uma ótima notícia . A editora Tordesilhas acaba de publicar entre nós, numa ótima (porém não barata) edição , o romance gótico "Senhorita Christina", de 1936, de Mircea Eliade (mitólogo, filósofo, estudioso de religiões) "Domnisoara Christina", em romeno - língua original do autor, que também produziu muito em francês. A tradução fica por conta de Fernando Klabin.

Senhorita Christina, a personagem principal do romance não é estritamente uma vampira como conhecemos, é uma "strigoi" que na superstição romena é um ser sobrenatural, maldito, um monstro e morto-vivo - mas também humano. O caso é que nem todos os "strigoi" são vampiros - para quem se interessar há uma outra forma de strigoi em um episódio chamado 'os calasuari' da segunda temporada do seriado "Arquivo X" - porém todos vampiros são uma variação de strigoi. Voltando ao livro, a moça em questão foi assassinada durante a revolução camponesa de 1907 pelo amante e capataz, mas Christina volta à existência (quase 30 anos após sua morte) nos sonhos das mulheres de sua família, entre as quais a sobrinha Simina, de 9 anos... e Igor, um ilustre pintor hospedado na propriedade da família e que acaba se apaixonando por uma das sobrinhas da "strigoi". A desmorta Christina formará um triângulo amoroso com eles, tentando desesperadamente seduzí-lo. Até aí parece uma comum história de vampiros, porém a superstição e o pessimismo correm nas veias do povo Romeno, e como estudioso do folclore local e das religiões em si, Mircea Eliade sabe muito bem como contrapor os elementos e justificar a evolução do romance. Sim, há amor nesta estória, mas com todo o peso de uma tragédia clássica. Importante frisar a concepção de que não há descanso na vida pós-morte, que aquilo que vem depois é muito pior e que o sofrimento é eterno. Ser vampiro neste caso, não é desfrutar noite eterna, é sucumbir à danação.

Clayton Van Baak

MUZAK

... não há nada, não há dor... não há sobras do que sou...
...o que bate e o que volta... a cidade suportou...
...é sempre assim... sou frágil pra crescer...
Muzak – Frágil pra crescer



Se por um lado a "era" Mp3 de certa forma tomou conta do cenário musical, e se a situação é mesmo como alguns especialistas afirmam e "uma geração musical se perdeu em meio a esse caos", por outro lado esse veículo de informação trouxe de volta aos ouvidos dos interessados algumas pérolas perdidas ao longo das décadas passadas. Uma delas em especial é a banda Muzak...

Formada na primeira metade da década de 80 o "Power trio" Osmar Bueno (baixo e vocal), Nivaldo "Nivas" Campopiano (guitarra) e Victor Leite (bateria) – posteriormente substituído por Regis Tadeu – marcaram seu nome na cena pós-punk paulista do período ao lado de nomes como Smack, Akira S e as Garotas Que Erraram, Fellini, Azul 29, Agentss entre outras. Tiveram duas faixas ("Jovens Ateus" e "Ilha Urbana") incluídas na coletânea "Não São Paulo" lançada em 1985 pelo selo Baratos Afins e posteriormente a inédita "T.V. Morte" na edição remasterizada em CD lançada em 1999. Em 1986 o trio lançou um Mini LP homônimo, dessa vez pela EMI-Odeon com uma sonoridade menos agressiva que a inicial. Esse trabalho rendeu ao grupo diversas execuções nas rádios FM da época. Infelizmente o grupo não manteve seu contrato com a gravadora e terminou suas atividades sem lançar o esperado segundo trabalho, que estava praticamente concluído. No ano de 2005 tiveram a inclusão da faixa "Ilha Urbana" nas coletâneas "Não Wave - Brazilian Post Punk 1982 – 1988" (Man Recordings - Alemanha) e "The Sexual Life Of The Savages" (Soul Jazz Records – Inglaterra)



Felizmente (e agora devemos dar os devidos créditos à troca de informação virtual) algumas das pérolas perdidas do trio paulista estão disponíveis para audição nos veículos convencionais de divulgação. As músicas não lançadas "3/4", "Anjo Negro", "Frágil Pra Crescer", "O Que Esperar", "A Palavra Certa", "Nenhum Som", "Porco Espinho", "Vidas Imortais" e "Viver Um Tempo" podem ser conferidas na página do Myspace da banda e através do Youtube. Algumas delas contam com vídeos e entrevistas em programas de TV. As faixas alternam entre os dois períodos musicais que o trio vivenciou, mas para os fãs formam um registro extremamente especial, mesmo sem uma qualidade de áudio perfeita (já que a maioria delas foi extraída de gravações ao vivo).

Os apreciadores do pós-punk nacional oriundo da década de 80 não devem deixar de conferir essas versões... Quem sabe esperar por um bootleg... Só o tempo dirá...

Eduardo Cabral



Baudelaire

O «do it yourself» post-punk

É muito bom ouvir bandas punks que tocam pós punk e bandas de pós punk que no resultado final executam um bem tocado e empolgante punk rock. O Baudelaire é o primeiro exemplo, uma prova atual disso. O quarteto é Nilton Inácio - vocal, Doni - guitarra, Beto - contrabaixo, e Boogaloo - bateria.

Com uma boa bagagem musical e referências a poesia e literatura, possuem um bom potencial para invadirem ouvidos alheios e mais antenados. Iniciaram suas atividades no primeiro semestre de 2000 em Osasco/ SP. O vocalista Nilton tem na sua performance uma espécie de David Byrne alucinado dos bons tempos de "Stop making sense" (eu não quis dizer cópia, ok!) Com uma demo-tape lançada em Abril de 2010 e recentemente também na nova coletânea De Profundis, a banda segue tocando por aí em lugares legais e ilegais. A Demo deles tem o bonito nome de "Lá Fúria és nuestro combustible", e para fazer jus a sonoridade é bela e tosca. Uma mistura legal de punk rock esquizofrênico e pós-punk europeu. Se você quer ouvir algo bom e diferente, sem os clichês que algumas bandas insistem em colocar no mainstream e também no independente, conheçam o Baudelaire.

Renato Andrade

O Homem de Palha e as raízes do Neofolk



É inegável que "O Homem de Palha" é um filme brilhante e altamente incomum e que o fato de a sua trilha sonora ser responsável por influenciar um estilo musical (o chamado Neofolk), seja tão incomum quanto.

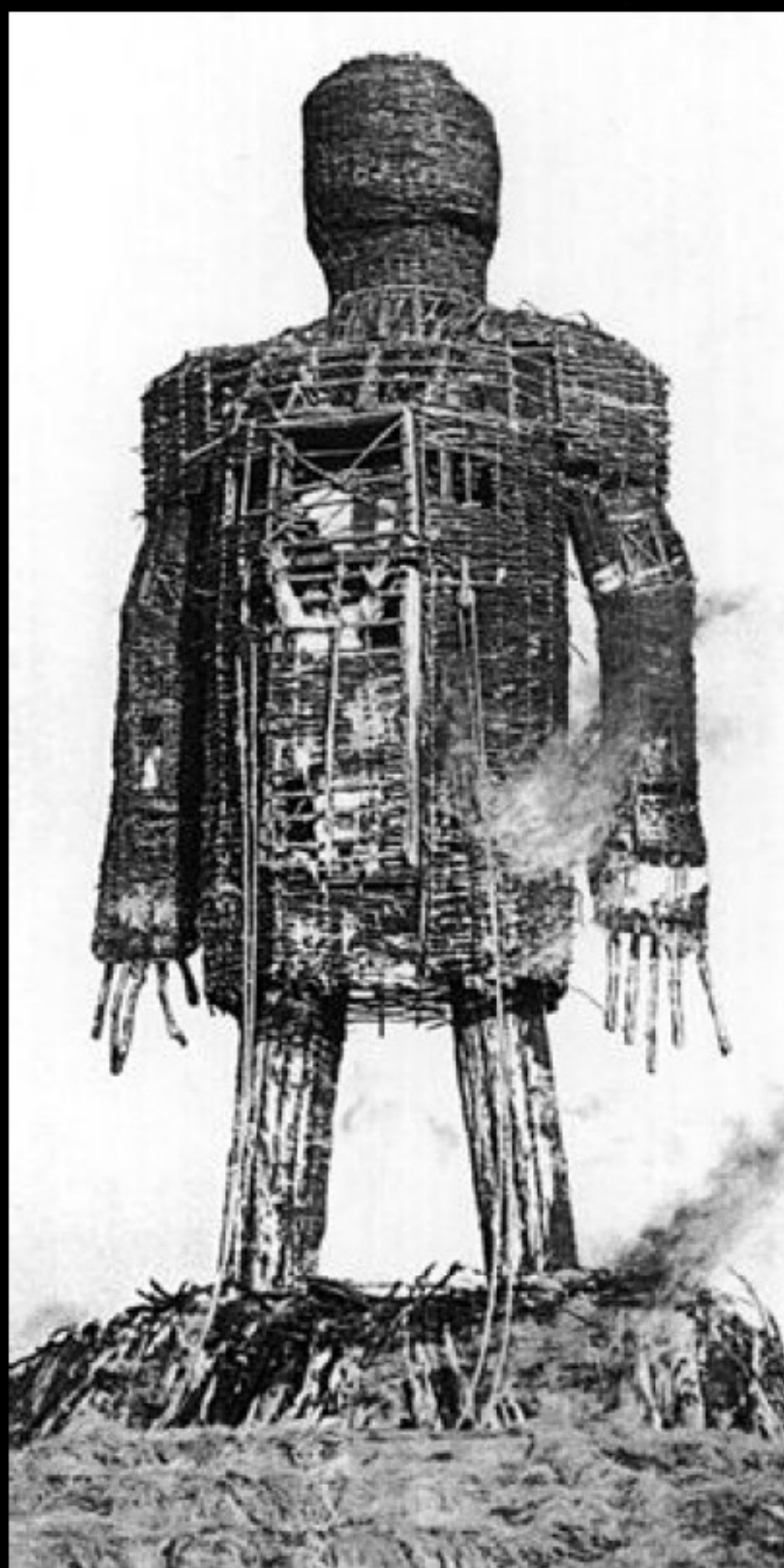
Lançado originalmente em 1973, o filme foi escrito por Anthony Shaffer e realizado com baixo orçamento, tendo sido classificado como filme B na época. Dirigido por Robin Hardy o mesmo conta com a participação de Ingrid Pitt e Christopher Lee em seu elenco, sendo considerado por Lee, um dos melhores roteiros e filme de todos os tempos.

A película explora o antagonismo de duas visões do mundo espiritual (cristianismo e paganismo) com um uso hábil de música, humor e ironia. Rico em simbologia, rituais pagãos e arquétipos, tendo como influência o livro "Ramo de Ouro" escrito pelo antropólogo escocês Sir James George Frazer. Na maioria dos filmes a trilha sonora é apenas uma mistura de música incidental e/ou canções interpretadas por artistas pop. Não é esse o caso de "O Homem de Palha". Foi dada a Paul Giovanni a tarefa de ser o diretor musical do filme e além de compor a música original, ele adaptou muitas canções e melodias folk tradicionais encontradas no mesmo. Essa mesma trilha, anos mais tarde, seria um ponto de referência e influenciaria bandas como: Death in June, Current 93, Sol Invictus e todo um estilo musical conhecido como: Apocalyptic Folk ou NeoFolk.



Mesclando elementos de Post-Industrial, Folk tradicional e Post-Punk, o Neofolk é um estilo musical único, seja pela riqueza rítmica ou seja pela inovação em mesclar música folclórica tradicional à um som moderno, mais cosmopolita. As referências ao "Homem de Palha" e sua trilha são encontradas desde no nome de algumas bandas, como o "Green Man" da Itália (Green Man é o nome de uma taberna no filme), ou em alguns covers e versões, como a canção "Willow's Song" no projeto "Nature and Organisation" (de Michael Cashmore, Rose Macdowall e Douglas Pearce) e "Gently Johnny" com o "In Gowan Ring" tocando ao vivo no festival Flammenzauber de 2004; Nas máscaras rituais usadas pelo grupo português "Sangre Cavallum" e por Douglas Pearce do "Death in June" (que faz referência explícita ao filme na capa do disco "The Rule of Thirds"). Além de alguns samples de falas do filme em músicas de grupos como "Ordo Rosarius Equilibrio" e "Blood Axis" e a versão original de "Willow's Song" na coletânea quadrupla "Looking for Europe" do selo alemão Auerbach Tonträger, coletânea esta definitiva sobre o estilo.

Em 2006 "O Homem de Palha" voltou às telas como o malfadado remake "O Sacrifício" sendo indicado ao Framboesa de Ouro nas categorias de Pior Filme, Pior Ato (Nicolas Cage), Pior Dupla (Nicolas Cage e seu casaco de urso), Pior Roteiro e Pior Remake ou Imitação Barata.



Alexandre Mapeli



POPOS



DARK ROCK CYBERGOTH INDUSTRIAL ELECTRO

AOS DOMINGOS - LOCAL : MADAME
RUA CONSELHEIRO RAMALHO, 873

WWW.NUCLEOPOS.COM

<http://adoteumgatinho.uol.com.br>



Faça a diferença
e seja mais feliz!



www.santamadreshop.com.br



Soulshadow
soulshadow@uol.com.br
11 - 8577 2420



Rua 24 de Maio, 62 - 1º Andar / Loja 216
Centro - São Paulo/SP
Fone: 11 - 3223 5031
ferrovelhoshop@gmail.com

Sebo Santa Cecília

sebo.santacecilia@gmail.com

11 - 2872 8997

Rua Frederico Abranches, 411
Santa Cecília - São Paulo / SP
CEP: 01225-001

<http://www.estantevirtual.com.br/livraria>
<http://santacecilia.livronauta.com.br>

